

O tempo e seus significados

NARRATIVA SOBRE A 15ª CONFERÊNCIA NACIONAL DE SAÚDE

POR JOSE IVO DOS SANTOS PEDROSA

Todos os anos que temos no Brasil as Conferências Nacionais de Saúde e começam os murmurinhos entre os sujeitos que circulam nos cenários de saúde sobre as etapas municipais e estaduais, os delegados, quem irá financiar o deslocamento até Brasília e outras questões, fico me lembrando da 8ª Conferência, porque eu estava lá. Simples assim... Eu estava lá! Não! Não é tão simples assim. Eu estava lá porque me encontrava completamente implicado, envolvido e capturado pelo Movimento da Reforma Sanitária e esta implicação foi sendo construída desde a formação médica consentânea à emergência da Saúde Coletiva, a luta pela democracia, à constituição de uma aliança entre intelectuais de esquerda, movimentos sindicais e movimentos populares.

Para expressar o que senti ao chegar na 8ª CNS transcrevo parte de um capítulo de um livro organizado por Souza e colaboradores (2011) denominado "O grito da Reforma sanitária: um sopro de esperança" que balançou a estrutura da oligarquia que diz: *"Brisa porque o arcaísmo da cultura e das relações políticas não permitiu que o grito da Reforma Sanitária, emitido no sudeste do Brasil, aqui chegasse com a força de um tufão ou vendaval, mas como uma brisa que traz imagens quase miragens, pois nunca foram imaginadas, tais como o direito à saúde. O que poderia significar direito à saúde para uma população que sempre excluída e subjugada aos poderes dos neo-coronéis em que o acesso aos serviços de saúde dependia de favores e subserviência? O que poderia significar democracia para aqueles que nem o voto lhe pertencia, não tinham acesso às informações e sobreviviam sob a cultura do medo e do silêncio? Que bicho é esse chamado*



de conferencia de saúde que diz ser um lugar em que as pessoas podem falar, contar e dizer aos outros e ao mundo suas necessidades? Delegado?... Só de polícia!"

Então, naquele momento, ter chegado lá em Brasília já significava uma vitória! Estávamos juntos e a força das vozes e dos aplausos de quatro mil delegados parecia ser capaz de mudar tudo. Momento mágico de empoderamento, de sentir-se cidadão, protagonista, caminhante de uma trilha que vinha sendo percorrida por diversas veredas e que se encontravam ali! Todos queriam cidadania, justiça, democracia e isso era saúde. Nas rodas de conversa que frequento sempre digo com muito orgulho que participei de todas as Conferências Nacionais de Saúde que aconteceram após 1986, ou seja, no contexto da democracia e da institucionalidade do Sistema Único de Saúde, inclusive da 15ª, em dezembro de 2015. Já fui delegado, observador, ajudante de relatoria, debatedor e faria qualquer tarefa para estar presente, porque ainda hoje sinto a mesma energia e força que emana da sensação de estar junto, estar com, imerso no coletivo. E, agora, ao pensar sobre esta trajetória me pergunto o que o Deus Tempo permite perceber de 1986 até agora. As pessoas, as coisas e as relações mudaram; e com isto vieram novos movimentos, desenhos, organizações, desenhos institucionais, rotas

e repetindo Emir Sader - novos personagens entraram em cena.

O grande coletivo que em 1986, bradava que saúde é democracia e a considerou como Direito de Todos e Dever do Estado; em 2015, se transformou em um conjunto de coletivos que, tendo vivenciado experiências diversificadas, traziam consigo uma adjetivação própria para a democracia que queriam. Os direitos de cidadania conclamados como tais em 1986 e consagrados na Constituição de 1988, agora ganhavam expressão objetiva sendo discutidos e disputados quais suas formas e extensão. E, nesse sentido, tornava-se evidente que as propostas que seriam colocadas em votação traziam desde as etapas estaduais, a marca dos interesses dos atores que circulam no cenário da saúde e que genericamente, recebem o nome de usuários, gestores e trabalhadores da saúde.

Mas não é possível negar que cada Conferência também é um momento de reencontro, de animação, onde amigos e companheiros de idos tempos tornam a se juntar e discutem as velhas e novas lutas, preferências, tendências e siglas partidárias. Com exceções, é claro, a maioria das pessoas presentes que circulavam no espaço da 15ª CNS já tinham participado de outras Conferências. E, lembrando a letra da música de Belchior eternizada na voz de Elis Regina me questionei: - *“nossos ídolos ainda são os mesmos e as aparências não enganam, não ...”*. Ainda somos os mesmos embora não vivamos como nossos pais? E a interrogação é minha. O tempo político fez emergir sujeitos que construíram suas identidades sociais porque o contexto democrático permitia a vocalização de suas necessidades. Como esses sujeitos estavam representados na 15ª CNS? De 1986 para agora existe toda uma geração que não conhece a história da constituição do SUS no Brasil, uma geração para a qual o conceito de saúde se resume no cotidiano ao acesso aos serviços de atendimento médico-hospitalar, tecnologias de diagnóstico e controle e consumo de medicamentos.

Pensando nessa geração e na realização da 15ª lembro-me de uma música de Tulipa Ruiz:

EXPIROU

Sinto falta de um tempo que eu ouvi dos amigos

‘Tava escrito num livro

Tocou numa vitrola

Foi dançado, cantado, recitado, falado

Publicado, sentido, decupado, contado

Mas eu não ‘tava ali

Quando é que a saudade

Daquilo que a gente não viveu passa?

Se passa, parece que já foi, mas quando você vê volta

Volta porque tem a tua cara, tem a ver com a tua história

Quando é que a saudade

Daquilo que a gente não viveu passa?

Pretérito mais que perfeito

Todo tempo, todo instante que passou

Se passar batido, perde seu sentido

Se não faz sentido, é porque expirou

E pergunto: a luta pelo direito à saúde passou batido? Perdeu o sentido? Expirou?

O tema da 15ª Conferência “Saúde Pública de Qualidade para Cuidar Bem das Pessoas: Direito do Povo Brasileiro” convida a uma reflexão profunda da inserção da saúde como setor no projeto político nacional. Mas, na prática, o que se discutiu foi: quanto custa e qual a extensão do acesso aos serviços de saúde, sejam públicos ou privados. Para Gastão Wagner, a 15ª CNS ... esse nosso ensaio de democracia direta, carinhosamente denominada de ‘controle social’ (controle do Estado pela sociedade, e não vice-versa!), vem abrindo espaço importante para que ‘usuários’ e trabalhadores da saúde compartilhem, em alguma medida, o poder na condução do Sistema Único de Saúde. Desta feita, pela primeira vez, tivemos como presidente do Conselho e da Conferência uma mulher e ainda uma representante dos usuários: Maria do Socorro de Souza. Foi tão difícil o reconhecimento e a valorização deste lugar que sua institucionalização não teve potência de tornar-se instituinte. A utopia da sociedade controlar o Estado resultou na cristalização de tudo que se desejava fluxo: conferência formalizada, conselhos normatizados e a participação regulada.

Então pensar na 15ª CNS leva ao resgate do significado da Oitava. Nesta última se exigia espaços participativos de vocalização das necessidades e diálogo com a sociedade para sua resolução. Na 15ª, estava em discussão desde a representatividade e se colocava em dúvida a legitimidade do espaço como fórum democrático de discussão e proposição de diretrizes para a formulação da

O tema da 15ª Conferência “Saúde Pública de Qualidade para Cuidar Bem das Pessoas: Direito do Povo Brasileiro” convida a uma reflexão profunda da inserção da saúde como setor no projeto político nacional. Mas, na prática, o que se discutiu foi: quanto custa e qual a extensão do acesso aos serviços de saúde, sejam públicos ou privados

Havia algo no ar que circulava o Centro de Convenções Ulisses Guimarães em Brasília que se reproduzia na ansiedade, na inquietação, na incerteza sobre o que se estava fazendo ali

Política Nacional de Saúde. Havia algo no ar que circulava o Centro de Convenções Ulisses Guimarães em Brasília que se reproduzia na ansiedade, na inquietação, na incerteza sobre o que se estava fazendo ali. A cada momento um chegava e dizia notícia diferente sobre o que acontecia no Congresso: pedidos de *impeachment* da presidenta, agenda retrógrada do Congresso Nacional, crise econômica e escândalos políticos. E, logicamente a partidarização chegou à 15ª CNS pelo lado mais temível que existe, qual seja o de negar saúde como política.

A presença de Dilma Rousseff na Conferência, conduzida pela Presidente do Conselho Nacional de Saúde, foi uma operação de tamanha complexidade que gerou múltiplos significados e manifestações: nervosismo com o esquema de segurança, intolerância de modo generalizado e serviu de analisador das divergências e contradições presentes - *Estão transformando a nossa Conferência em palanque político* - ouvi de um delegado representante de usuários. - *Eu vim aqui para discutir os problemas de saúde que enfrento e não ficar escutando discurso de político* - ouvi de um trabalhador de saúde.

Isso tudo traz para a superfície questões que nunca foram resolvidas na nossa democracia e, de certa forma, são responsáveis pelo contexto que vivemos. Democracia representativa sem representatividade, legalidade primando sobre a legitimidade e atores políticos comprometidos com interesses privados. Traz também para a visibilidade os efeitos da inclusão social feita por meio do consumo sem uma educação voltada para a cidadania em que o Estado é apreendido como uma mesa de negociação, os atores políticos como gerentes e as políticas públicas como contratos.

Ao mesmo tempo a realização da 15ª Conferência Nacional de Saúde foi também um encontro de aprendizagem, possibilidades e esperanças. O potencial de mobilização possibilitou a realização de mais de 4700 Conferências Municipais, 27 Conferências Estaduais e 6 Plenárias Populares, com participação de aproximadamente 985 mil pessoas. Dos 3260 representantes eleitos compareceram e credenciaram-se 2947, sendo 773 convidados e 84 participantes por credenciamento livre. Os convidados prioritários foram entidades e movimentos que não participam ou pouco participam de conselhos ou conferências. Sua realização precedida pela marcha em defesa dos SUS, com mais de 10 mil pessoas e pelo I Encontro Latino-americano de Entidades e Movimentos Populares pelo Direito Universal à Saúde, com a participação de delegados de 13 países, produziu profundas reflexões sobre o que acontece no Cone Sul, em que as populações dos países latino-americanos iniciaram, no início do século XXI, um ciclo de lutas contra as políticas neoliberais, implementadas por governos de direita e contra as oligarquias locais e as empresas transnacionais que delas se beneficiaram. Nestas lutas está a tentativa dos povos por libertarem-se da exploração, do colonialismo e da crescente exploração de recursos naturais por parte das oligarquias nacionais e das empresas transnacionais (Carta de Brasília. I Encontro Latino-americano de Entidades e Movimentos Populares pelo Direito Universal à Saúde, 29 e 30/12/2015).

As Plenárias Livres, por sua vez, representaram estratégias que possibilitaram a presença do inusitado, daqueles que apesar de reconhecidos, ainda não eram vistos e muito menos ouvidos, sem oportunidades de participar nos espaços formais como os negros, Povos dos Terreiros, Populações do Campo, Floresta e das Águas, LGBT, moradores de rua, ciganos e estudantes. O momento da 15ª Conferência Nacional de Saúde foi um acontecimento político cuja potência em direção à afirmação dos valores contidos na Constituição Federal de 1988 e no cumprimento dos princípios do SUS. Suas diretrizes, moções, proposições fazem parte de um outro momento político após a Plenária Final.

**José Ivo é professor do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Piauí e membro da diretoria da Abrasco*